

Daniel Valério Martins

A Malha e Anália



EDIÇÕES
AINPGP

Daniel Valério Martins

A Malha e Anália



A malha e Anália

1ª Edição – junho de 2024

DOI:

Organizadores: Daniel Valério Martins

Capa e Edição: Ruan Rocha Mesquita

Imagens: Copilot Microsoft

Revisão Ortográfica: Simone Aparecida Fonseca Alves

Apresentação: Daniel Valério Martins

Prólogo: José Deribaldo Gomes dos Santos

Prefácio: Ana Paula Cavalcante Alencar da Silva

Posfácio: Rodrigo Simão Camacho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

XXXX

A malha e Anália [recurso eletrônico]– 1.ed. –

Vários autores

ISBN:

1. Literatura. 2. Contos. 3. Leitura. 4. Educação. I. Martins, Daniel Valério. III. Mesquita, Ruan Rocha. V. Título.

CDD XXXX

Biblioteca: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

Copyright © 2024 AINPGP e autores

Todos os direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito dos autores do livro.



Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n,
Populares, Cajazeiras - PB, CEP: 58900-000.
<https://ainpgp.org/>

Agradecimentos

Agradeço ao companheiro Ruan Rocha Mesquita experto em mídias digitais pelo apoio na organização do material; à historiadora Ana Paula Cavalcante Alencar da Silva pelo apoio incessante na busca por fontes; à Claudia Celene dos Santos Leite por elucidar a causa espiritual envolvida; à doutora em Educação Racquel Valério Martins pelas contribuições de sua pesquisa sobre Educação Popular e engajamento no projeto deste livro; aos pedagogos convidados a fazer parte da escrita com seus comentários e elementos textuais, e à Associação Internacional de Pesquisa na Graduação de Pedagogia – AINPGP pela confiança e que por meio das Edições AINPGP publicou a obra. A todos, todas e todes que acreditaram e acreditam nos sonhos deste pedagogo que vos fala, e que estes comungam com os de Anália Franco, os meus mais que sinceros agradecimentos.

“O mais sagrado de todos os interesses sociais é a educação popular e é por isso que os espíritos verdadeiramente humanitários consideram esta missão como um dos poderosos meios de fazer o bem”.

Anália Franco

Sumário

Apresentação	6
Prólogo	10
Prefácio	12
Capítulo I Anália	16
Capítulo II A Malha.....	38
Capítulo III Olá, esta é Anália	52
Comentários	55
Comentário 1	55
Comentário 2.....	57
Comentário 3.....	60
Comentário 4	62

A malha e Anália

Comentário 5	64
Comentário 6	66
Comentário 7	68
Comentário 8	69
Comentário 9	71
Comentário 10	74
Posfácio.....	76
Apoio	80
Sobre o Autor.....	81

Apresentação

Este conto narra a história de uma menina que vive nas ruas de um centro urbano. O nome Anália foi escolhido em homenagem à Anália Emília Franco Bastos (1853 – 1919), considerada por alguns “A Grande Dama da Educação brasileira”, que dedicou sua vida à Educação dos desfavorecidos, filhos de pessoas escravizadas e trabalhadoras.

O enredo traz o cotidiano com as angústias, dores e percalços da menina Anália enquanto coadjuvante, pois ele se desenvolve em torno da “malha” de Anália. De maneira proposital a malha ganha destaque e protagonismo retratando a invisibilidade

A malha e Anália

e a falta de atenção e cuidados que assolam as crianças de rua.

O texto, além de trazer à tona questões sociais, políticas, econômicas e culturais de maneira lúdica, discute as pedagogias possíveis para visibilizar as Análias do mundo. Para tanto, foram convidados(as) dez pedagogos (as) para comentar sobre o conto e sobre esse breve relato a respeito de Anália Franco, e assim como o meu foi o primeiro encontro de todos(as) eles (as) com a história da Dama da Educação. Assim seus comentários estão como segundo capítulo deste livro.

Foram igualmente convidados três professores, sendo uma historiadora e dois pedagogos, para os

A malha e Anália

elementos textuais como prólogo, prefácio e posfácio. Na hora do convite, também nenhum deles conhecia Anália Franco.

Confesso que, mesmo sendo licenciado em Pedagogia, não teria conhecido Anália Franco sem o mundo onírico que me envolve. Sou pedagogo e sonhador, e como um dos meus grandes sonhos tenho o de esperar e visibilizar os oprimidos, promover suas autonomias, como aprendi com Freire. Oportunizar-lhes uma educação mais conectada com a vida real, com o senso de responsabilidade, senso cooperativo e sociabilidade, como aprendi com Freinet. Estes comungam com Anália com o mesmo propósito por terem seus

A malha e Anália

espíritos generosos e empáticos, e uma solidariedade iluminada pela esperança. Somente quando suas ideias se efetivarem ao saírem do papel, é que deixaremos de ver apenas as malhas para enxergarmos, por meio das lentes e pedagogias do afeto e da empatia, as meninas Análias que circulam em nossa sociedade, e buscaremos consoante prega Leibniz, “o melhor entre todos os mundos possíveis”, por meio da Educação.

Boa leitura.

Daniel Valério Martins

Dr. em Educação e Antropologia,
Professor Visitante na UESB

Prólogo

Pequena Franqueza da Malha de uma Anália

Anália Franco foi uma pessoa que durante os 62 que viveu, dedicou parte significativa de sua vida à melhoria da escola. Lutou, destacadamente, para que as pessoas pobres tivessem acesso ao aparato escolar.

Mesmo vivendo em um período em que os espaços da vida pública eram bem restritos para a intervenção das mulheres, Anália foi tecendo sua malha: ajudou a criar mais de 60 escolas, duas dezenas de asilos destinados a órfãos, um par de albergues... E mais: colaborou com a criação de uma

A malha e Anália

banda de música feminina, uma orquestra, envolveu-se com a montagem de um grupo de teatro e, não satisfeita, ainda organizou a publicação de revistas.

Não se pode retirar de sua malha a grandiosa batalha contra o racismo. E numa época em que a sociedade desenvolvia, sem constrangimentos, muitas práticas contra as pessoas pretas.

O livro de Daniel Valério é uma chama para chamar a atenção das pessoas a olharem a malha de Anália!

José Deribaldo Gomes dos Santos

Doutor em Educação e prof. UECE/FECLESC/Lapps.

Prefácio

Práticas pedagógicas inovadoras, criativas e instigantes, voltadas para questões sociais são conceitos chave nas obras do Pedagogo e Antropólogo Daniel Valério Martins, conferindo força ao processo educacional. Sem medo de ousar o autor desperta os espíritos adormecidos da educação brasileira e de Anália Franco, ambos invizibilizados por políticas públicas que nenhuns compromissos têm com o público. A malha de Anália aquece mais que o pequeno e frágil corpo da criança abandonada. Aquece a esperança de justiça social, e o colorido vibrante das imagens celebra vida e esperança na obra “A malha e Anália”.

A malha e Anália

O primeiro capítulo traz a vida de Anália e seus desafios nas ruas de um grande centro urbano. No segundo capítulo a Malha de anália ganha o protagonismo, mostrando a invisibilidade que sofrem essas crianças de rua. No terceiro e último capítulo o autor sabiamente nos apresenta a grande “Dama da Educação brasileira”, tendo seu tecido e legado histórico igualmente invisibilizados na história da educação e nos cursos de pedagogia.

Indico este livro como leitura indispensável nas lutas contra as injustiças por meio da Educação.

Ana Paula Cavalcante Alencar da Silva
Historiadora e Doutoranda na USAL- ES.

A malha e Anália

.



Capítulo I

Anália



Anália, uma menina que vive nas ruas do grande centro da cidade, órfã, perdeu seus pais para o mundo do crime. Vive sozinha desde os oito anos de idade, já prestes a completar seus onze anos, não chama a atenção de ninguém, e acaba por ser mais um rosto sujo na multidão.



A malha e Anália



Franzina e de cabelos cacheados, cacheados não com cachos bem-feitos e sim porque faz justos três anos a última vez que sentiu o carinho e o afago de um pente passando por sua cabeça.



A malha e Anália



Pele furta-cor, dependendo dos raios do sol ou da luz da lua, olhos grandes e remelados, sorriso largo e amarelo, não conhece outra vida que não seja a vida na rua.



A malha e Anália



Mas como todos no mundo, ela também tem sonhos. Um deles impossível e não mais realizável, estar outra vez com seus pais. Filha de um José, o Zé, Zé ninguém. “Um rapaz latino-americano vindo do interior”. Aquele que “andava duro, sem dinheiro e quando passava no bar era um desespero”, morreu após uma overdose de crack.



A malha e Anália



Zé vivia com a mãe de Anália, Algeni, a “GENI”, aquela que um dia cuspiram e jogaram pedras, e que uma dessas pedras a tirou dessa história.



A malha e Anália



Bem, mas aqui começa a história de Anália, que tem fome, que tem sede, que tem dores, só não tem flores. Como não tem flores? Ela tem algumas, as do jardim da praça central, algumas cobertas pela poeira preta que salta dos escapamentos dos carros, tornando-as parecidas a “rosa de Hiroshima, a antirrosa atômica, sem cor, sem perfume”. Mas são flores, algumas ainda exalam odores.



A malha e Anália



Anália também tem bens, uma camisa de malha, que a protege nas noites de frio. Sua fiel companheira. Anália tem sorte, ainda não foi vista pelos olhos do abuso, olhos da mente cruel humana.



A malha e Anália



Esteve por muito tempo passando despercebida meio ao caos, ao corre-corre da praça, da rua, do centro. Não foi vista pelo mal, mas o bem, também passou distante dela. Anália come frutas, dieta saudável sim, mas desumanamente conseguidas, pois sacia a fome com as frutas que sobram e são descartadas das barracas da feira da praça.



A malha e Anália



O seu alimento mais próximo de uma proteína são as salsichas de alguns cachorros-quentes que ganha de algum filho de Deus.



A malha e Anália



Anália não tem uma “casa engraçada”, não tem teto, não tem paredes, mas tem chão, o mesmo chão pisado por uma multidão todos os dias afinco.



A malha e Anália



A assistência social ainda não viu Anália? Não, nem Anália, nem Berenice, nem Carolina. Tem uma em cada esquina, despercebidas, ignoradas, inviabilizadas, excluídas.



A malha e Anália

Capítulo II

A Malha



Em um chão descuidado, ali está Anália e sua segunda pele, a sua malha, que lhe serve de abrigo, de roupa, de lençol e até de guardanapo. Muitos a chamariam de trapo. Mas é uma malha. Malhada, mas uma malha a ser chamada de sua.



A malha e Anália



E assim, Anália ama sua malha, malha fina, desgastada, mas uma malha. Travesseiro nas noites quentes e manta nas noites frias. Queria ter eu, a confiança e segurança de querer tanto algo no mundo, como Anália quer a sua malha.



A malha e Anália



A malha, passa então a ser protagonista desta história e de coadjuvante Anália. A malha é vista de longe, cores fortes como a cortina da cozinha de vovós. Mas seu recheio é invisível, ignorado, pois é mais fácil e cômodo fechar os olhos diante dos que precisam, e ter comoção pelas Berenices e Carolinas que aparecem na televisão.



A malha e Anália



Para que preocupação? Isso é tarefa do Estado, e além do mais, Anália tem sua malha, com alguns furos e uma manga rasgada, mas uma ‘senhora malha’, que está sempre presente quando ela a necessita.



A malha e Anália



A malha de Anália já foi vista em outdoor, é de marca famosa, internacional, dessas que lucram com o trabalho de muitas outras Análias. Será que é por isso que o Estado não a vê? Mas vê a malha, e os impostos das malhas.



A malha e Anália



Às vezes me pergunto que pedagogias será preciso para que vissem Anália e não somente sua malha? Já foram muitas: do “oprimido”, do “esperançar”, da “autonomia”, mas só vemos a malha no dia a dia. Precisa-se da pedagogia do afeto, do cuidado, da empatia. As pedagogias da “indignação” e da “tolerância” não são suficientes.



A malha e Anália



Enquanto isso, só vemos a malha, e assim como Anália, no mundo há um montão de gentes. Quantas Análias passaram por esse mesmo chão frio e desesperançador? E lhe foram negadas a dignidade, fazendo delas pessoas desacreditadas, invisibilizadas, excluídas. Será que estas mesmas pessoas há séculos não teriam também sido vistas por Anália “a dama da educação”? Então, pego meu uniforme branco, meu chapéu de palha e não vamos para Maracangalha, saímos a apresentar Anália.



Capítulo III

Olá, esta é Anália



Anália Emília Franco Bastos (1853 – 1919)

Esta é uma singela homenagem a Grande Dama da Educação Brasileira.

A pedagoga e jornalista Anália Emília Franco Bastos, com todo o seu importante feito para a história da Educação brasileira, tem o seu legado pouco divulgado em nossa sociedade e pedagogias. Fundou mais de 100 instituições entre escolas, creches, abrigos e espaços profissionalizantes. Anália Franco

A malha e Anália

foi triplamente negada na sociedade: negada Pelo estado por trabalhar de uma maneira totalmente altruísta e filantrópica, não dependendo do Estado e política (império e início da república) e acabando por mostrar como poderia gerir espaços sem assistencialismos que estariam atrelados a “votos de cabrestos”; negada pela igreja católica por ser espírita em um período em que o espiritismo estava começando a ser difundido no Brasil; negada pelas oligarquias por ser mulher e dedicar sua vida ao trabalho da educação dos oprimidos, filhos de pessoas escravizadas, trabalhadoras, crianças de rua e abandonadas.

O trabalho desenvolvido por Anália Franco precede as obras de Paulo Freire, e enquanto Anália buscou um desenvolvimento na educação das crianças

A malha e Anália

oprimidas com seus Manuais Educativos, Paulo Freire posteriormente dedicou-se a Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos também oprimidos, deixando assim sua marca. São pensamentos, preocupações e ações complementares ao longo do tempo e história.

Portanto, para que seu legado seja difundido e reconhecido na história da educação e nas pedagogias passo a venha aos vários pedagogos que não a conheciam, mas foram convidados a tecer seus comentários nesta singela homenagem.

Sejamos Análias.

Daniel Valério Martins

Comentários

Comentário 1

Escrita inquietante que emerge de questões sociais, políticas, éticas e educacionais. Na verdade, denuncia a invisibilidade dos empobrecidos pelo movimento desumano do capital, que não os colocam à margem, como nos ensinou Paulo Freire, mas os oprimem porque fazem parte de uma estrutura que naturaliza a exclusão.

Leitura incômoda e necessária, pois é papel da arte fomentar a humanidade presente nos corações das pessoas. É papel da arte resgatar o que temos de mais precioso: a humanidade. Nisto, Anália nos ensina. Essa menina frágil e só com sua malha, nos convida a olhar para realidade e desmistificá-la.

Anália e sua Malha nos remete à Anália Franco que diante, da

A malha e Anália

naturalização da violência contra as crianças decorrente da Lei do Ventre Livre, soube lutar por justiça social. Que sejamos malha, para esquentarmos os corações frios. Que sejamos Anália: lutemos pelos pequenos. Que saibamos colaborar para a construção de um mundo melhor. A história foi construída por homens e mulheres e por homens e mulheres, pode ser modificada, Paulo Freire continua a nos provocar.

Iraci Balbina Gonçalves Silva

Doutora em Educação -PUC/GO e Técnica em Assuntos
Educacionais do IF Goiano.

A malha e Anália

Comentário 2

Esta é uma obra magistral, que traz um enredo delicado e envolvente, abordando questões sociais profundas e urgentes. A narrativa foca na malha de Anália, utilizando tal peça de vestuário para simbolizar a teia complexa de desafios enfrentados pelas crianças que vivem em condições de vulnerabilidade. Enquanto a malha se desenrola, somos conduzidos ao universo de angústias e dores que apesar de fictício, ecoa a realidade de muitas crianças invisibilizadas em nossa sociedade.

O protagonismo da malha em detrimento a figura da menina Anália é um recurso literário brilhante. Com suas fibras entrelaçadas, serve como uma metáfora poderosa para a interconexão dos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que contribuem para a marginalização infantil.

A malha e Anália

A figura histórica de Anália Emília Franco Bastos, conhecida como A Grande Dama da Educação Brasileira, torna-se um contraponto inspirador à narrativa ficcional. Este diálogo entre a ficção e a realidade das práticas pedagógicas de Anália Franco é essencial para compreender e enfrentar as barreiras que perpetuam a invisibilidade das crianças desamparadas. Ela acreditava firmemente na educação como uma ferramenta de emancipação e inclusão social, uma visão que ressoa profundamente com o tema abordado no conto A Malha e Anália.

A malha na narrativa da ficção pode ser vista ainda como um reflexo dos inúmeros esforços de Anália Franco para tecer uma rede de apoio e educação aos menos favorecidos, iniciativas que impactaram positivamente a vida de inúmeras famílias. A relação entre a menina Anália do conto e a real Anália Franco vai além do nome compartilhado, ambas representam símbolos de resistência e esperança em meio à adversidade. Ao

A malha e Anália

entrelaçar a realidade com a ficção, o conto nos oferece uma visão profunda e sensível dos desafios enfrentados pelas crianças que vivem nas ruas e a necessidade de ações concretas para transformar suas vidas. A história de vida de Anália Franco com seu legado de dedicação e altruísmo, serve como um farol orientador, iluminando caminhos e convidando a refletir sobre a necessidade contínua de esforços em nossa sociedade contemporânea, destacando a importância de políticas públicas e práticas pedagógicas inclusivas que possam visibilizar e amparar as crianças marginalizadas.

Que A Malha e Anália inspire novos movimentos e ações, tal como Anália Franco inspirou em seu tempo, para que possamos continuar a tecer tramas de apoio e educação para todas as Análias que ainda aguardam serem vistas e cuidadas

Magna Mizurini

Coordenadora da Inclusão da SME de Caldas Novas,
Mestranda em Educação no PPGNEB do IF Goiano.

A malha e Anália

Comentário 3

O conto *A malha e Anália*, escrito por Daniel Valério Martins ao homenagear a educadora Anália Emília Franco Bastos (1853–1919) nos presenteia com a reflexão de quais seriam as malhas e quantas são as Análias que nos encontramos ao longo da vida. Como são constantes os encontros da personagem Anália com a homenageada em questão, uma mulher considerada à frente de seu tempo que em sua trajetória trabalhou em prol do rompimento de tantos paradigmas como o de gênero, raça e classe. Com uma trajetória de luta marcada pela amorosidade e inovação perante as dificuldades do cenário brasileiro de sua época.

De forma semelhante, refaz a pequena Anália em meio a sua extensa malha de faltas, vive o seu cotidiano de maneira resistente e persistente, malha a sua sorte enquanto não recebe

A malha e Anália

o olhar e assistência que lhe deveriam ser de direito. Enquanto educadora, me junto ao questionamento das faltas, se o que nos carece não seria a falta de uma pedagogia da “sensibilidade” atrelada a pedagogia da “indignação” que nos presenteou o autor com essa pedagogia da “ação” nos apresentando não apenas duas Análias, mas tantas que necessitam de atenção.

Eunice Pereira da Silva

Doutoranda em Educação da USAL-ES. Profa. da Educação
Básica e servidora pública no âmbito municipal em
Pernambuco-BR.

Comentário 4

As pedagogias possíveis, com olhares invisíveis em muitos profissionais, sendo médicos, advogados, nutricionistas entre tantos, não importa, passaram por professores(as) pedagogos(as). Mas o que podemos esperar de um pedagogo (a)? De uma educadora como Anália Emilia Franco? Ela conseguiu ser jornalista, poetiza, professora, escritora e não bastasse foi uma grande filantropa, dedicou sua vida à caridade tendo como lemas: acolher, educar, capacitar para o trabalho e dignamente favorecer que o necessário, passasse a uma condição de autossustentação. O que nos faz lembrar que a EDUCAÇÃO, seja ela informal ou formal é o que nos humaniza, para uma vida digna, que nos faz entender que estudar, não nos faz melhor que ninguém, mas que nos edifica para uma vida em sociedade, buscando a equidade para todos os povos.

Sou bióloga e pedagoga, confesso que não conhecia na íntegra

A malha e Anália

todo o percurso da educadora Anália Franco, a qual ficou conhecida como “A Grande Dama da Educação Brasileira”, ao ler sobre sua vida, me fez lembrar da interdisciplinaridade, que me contagia ao montar práticas pedagógicas, pois é necessário pensar com olhares das diversas ciências, mas que tenha um olhar humano, social e que ao mesmo tempo contagie o estudante e o impulsione para o desafio interdisciplinar do aprender a aprender, que é capaz de transformá-lo, em sua vida escolar e profissional, como protagonista de sua história, na busca por uma educação para a vida.

Acredito que existem muitas Análias na Educação brasileira, nas ruas, nas favelas, nas aldeias e nos quilombos, onde muitas não conseguem ter o acesso á educação escolar, mas que a educação informal os fazem ser exemplos de Análias.

Maria Adriana Torqueti Rodrigues

Doutoranda em Educação USAL-ES; Profa. na UEMS-BR.

A malha e Anália

Comentário 5

A obra "A malha de Anália", revela a sensibilidade do autor do Prof. Daniel em retratar a história de uma menina, adolescente, mulher, pouco conhecida, mas com um relato impactante de sobrevivência.

Em um contexto histórico de exclusão, em que as políticas sociais para crianças e adolescentes nem eram pautadas como política pública no Brasil, deixando não somente Anália, mas milhares de crianças e adolescentes brasileiros, na sorte dos restos encontrados em lixões e ações assistencialistas, em uma vida cheia de riscos e carências. Anália passava de longe de ser reconhecida como sujeito de direito.

A malha de Anália nos convida a refletir a humanização, no reconhecimento do outro que faz parte de mim, e que fazemos parte dele, e que cresce em tempos urgentes no exercício da valorização da dignidade humana, na valorização dos Direitos

A malha e Anália

Humanos.

A malha de Analia também nos íntima ao compromisso inegociável com a história, rever nossas fragilidades enquanto sociedade, enquanto ser humano, pessoa e nos unir ao protagonismo na luta por direitos sociais, contra as desigualdades em todas as suas dimensões: políticas, sociais, econômicas e educacionais.

Que histórias como a de Analia não se repitam no que diz respeito ao descaso, mas que se propague na resiliência de quem se revelou na superação e construção de uma vida mais justa e humana.

Parabenizo o conto que o autor nos presenteia, as ilustrações que nos impactam e a biografia revelada de Anália!

Quézia Vila Flor Furtado

Doutora em Educação e professora da UFPB.

A malha e Anália

Comentário 6

Conhecer a menina Anália é reconhecer a invisibilização que percorre os corpos de inúmeros/as sujeitos/as que por diversos motivos são condenados/as nesta terra desigual, na qual o sistema-lucro vale mais do que a vida. Filha do seu José e da dona Geni, mais uma Franco, como Marielle e Anielle, Anália também sonha, guarda na memória do seu franzino corpo-faminto a vontade de rever seus familiares.

Franco, é a crueldade dos passos apressados que passam pela menina a não a veem, sua fome, sede e dores a percorrem em uma sensação de desesperança. Sua amiga é uma malha, a única companheira que dá assistência a Anália. Quem sabe, a única que a abraça em dias frios, que acaricia seus cachos quando a menina a usa de travesseiro em longas noites de incerteza. Qual é o olhar que acolhe Anália como humana?

A malha e Anália

Quais as pedagogias que a alcançam nas perigosas ruas?

Precisamos do amoroso engajamento de Anália Emília Franco Bastos (1853-1919), que ousou olhar além das malhas que acobertam as mazelas desse mundo, transgredir essas malhas e reconhecer as meninas Análias, Agathas, Rebecas e tantos corpos-pronúncias que estão ali, que são sujeitos/as de suas histórias, mas que precisam de pedagogias outras que lhes permitam anunciar seus lugares, olhares e visões de mundo. Precisamos sonhar com um mundo sem malhas, em que as Análias possam viver com dignidade. Assata Shakur nos disse da importância do sonho para a concretização do real, contudo, a ação é indispensável, pois ela é a síntese da mudança possível.

Davison Souza

“Pretagogo”, Mestrando-MAIE-UECE.Prof.do Município de
Fortaleza.

A malha e Anália

Comentário 7

O livro relata sobre a vida de muitas Análias que temos na nossa sociedade entre elas Anália Franco a Dama da educação, mas também as oprimidas e silenciadas em todos os tempos, é um verdadeiro retrato social. A malha representa a segurança de muitas pessoas, mostra a ajuda que aparece nos momentos mais difíceis que elas enfrentam. Os mais desfavorecidos sentem fome e sede e são lhes negadas água e comida. Anália é a força da resistência, as mães que criam seus filhos sozinhas, as crianças abandonadas, as pessoas que são moradoras de rua ou aquelas que buscam, com todos os desafios, sobreviver nesse mundo cruel. A malha de Anália está aqui e servirá de amparo e desvelação para os oprimidos e renegados das classes sociais.

Elismar Motta

Estudante de Pedagogia na UESB, Campus Jequié.

A malha e Anália

Comentário 8

“A Malha e Anália”, título rimado que, a princípio, nos parece um conto eminentemente lúdico. Tamanha ilusão! A narrativa de Daniel Valério é visceral, contundente e política, inspirada em Paulo Freire e em Anália Franco, militante da educação popular junto a crianças e mulheres, que atuou principalmente no período entre final do século XIX e início do século XX.

Ao trazer à luz a história de Anália e sua malha (ou o contrário), em um jogo de ficção-realidade, o autor denuncia as tantas infâncias “que não aparecem na foto” (Galeano), esquecidas, negligenciadas, rejeitadas e que dizem de um país que, mesmo avançando na formulação de políticas de acolhimento e educação formal nas últimas décadas, ainda precisa cuidar melhor das crianças, particularmente daquelas que vivem em situação de vulnerabilidade social. “A malha”, único recurso (ainda que depauperado) do qual dispõe para escapar ao

A malha e Anália

sofrimento causado pelo frio, representa exatamente o cuidado, acolhimento e dignidade que as Análias necessitam para ter uma “vida” e não uma “sobrevida”.

O conto nos conduz a reflexões perturbadoras, dentre elas podemos indagar “Que humanidade estamos buscando construir, enquanto tantas crianças estão desassistidas?” Esta pergunta precisa ser feita, não porque elas representam nossa esperança de um futuro melhor e mais humanitário, mas porque o modo como elas são tratadas desvelam nossa (des)humanidade presente.

Este conto não é para nos acalantar, mas para nos acordar e indignar/esperançar. Boa leitura!

Elzanir dos Santos

Dra. em Educação e Profa. na Universidade Federal da
Paraíba.

A malha e Anália

Comentário 9

Anália Franco é um dos expoentes na/da história da educação brasileira, sua jornada foi marcada por uma dedicação incansável à causa da educação, especialmente para os menos favorecidos e marginalizados, ou seja, os invisibilizados da sociedade. Sua paixão pela aprendizagem e o profundo compromisso com a justiça social permitiu reconhecer cedo a disparidade entre aqueles que tinham acesso à educação e aqueles que não tinham, e isso a impulsionou a dedicar sua vida a mudar essa realidade.

No Brasil do século XIX, as oportunidades educacionais eram escassas, especialmente para as mulheres. No entanto, Anália desafiou as normas sociais e buscou conhecimento incansavelmente. Ela percebeu que a educação não era apenas uma ferramenta para o desenvolvimento individual, mas também um meio poderoso de transformação social.

A malha e Anália

Como pedagoga, dedicou-se a abrir caminhos para aqueles que eram deixados para trás pela sociedade. Ela fundou escolas e instituições educacionais que ofereciam educação gratuita e de qualidade para crianças de todas as classes sociais, incluindo órfãos e crianças em situação de vulnerabilidade. No entanto, apesar de seus esforços incansáveis, muitas vezes enfrentava a invisibilidade e o descrédito por parte da sociedade. Em uma época em que as mulheres eram frequentemente relegadas ao papel de esposas e mães, sua dedicação à educação e ao ativismo social era frequentemente subestimada e ignorada. No conto “A malha e Anália” vislumbramos a importância dessa grande educadora e pedagoga, uma mulher a frente de seu tempo que tem em sua história de vida as marcas da luta pela educação para todos e que apesar das dificuldades não sucumbiu ao sentimento de impotência e fracasso. Podemos dizer que os caminhos construídos por Anália precedem princípios da educação popular freiriana, pois busca a superação da

A malha e Anália

invisibilidade, o enfrentamento à discriminação com resiliência e determinação, defendendo o poder da educação para capacitar as pessoas e transformar comunidades, visando um futuro melhor para todos.

Maria da Conceição Gomes de Miranda

Dra. em Educação e Profa. na Universidade Federal da
Paraíba.

Comentário 10

A leitura do texto me levou a questionar sobre o significado dos sonhos, seria um desejo reprimido que escapa do nosso inconsciente em um momento de descuido do superego como postulou Freud, ou seria nada mais que o desejo de mudanças latentes em nosso íntimo que não encontram possibilidades executivas na realidade cruel. O conto é formatado a partir de realidades de seres humanos que são desumanizados pela realidade social brasileira, pobreza, exclusão, racismo, machismo, abusos. Ele é um grito de desespero de alguém que sofre com a inoperância do poder público em naturalizar os problemas sociais. Análias, Carolinas que se tornam “Genis” e reproduzem Análias em um círculo vicioso sem fim que alimenta o discurso eleitoral.

Mas o texto também é um convite, redigido com arte, vivacidade e principalmente humanidade, nos convida para

A malha e Anália

enfrentar os riscos de sonhar com uma educação transformadora, promotora de justiça social e principalmente restauradora da nossa humanidade.

Cristiane Maria Ribeiro

Dra. em Educação e Profa. do IF Goiano – Campus Urutaí.

.

Posfácio

Falar sobre a “Grande Dama da Educação” e sua relação com a construção da Educação Popular é uma tarefa que se faz de forma dialética, tendo em vista que Anália Franco, pessoa que é sujeito/a da ação, protagonista de vanguarda dessa proposta teórico-prática, foi, concomitantemente, invisibilizada na história do pensamento pedagógico brasileiro.

Para muitos brasileiros, o seu nome remete simbolicamente, somente, a denominação de um lugar, o Jardim Anália Franco, bairro nobre paulistano pertencente ao distrito de Vila Formosa, localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo, fundado na década de 1960.

Todavia, apesar de pouco conhecida na academia, na atualidade, em que no pensamento científico crítico discutimos a relação intrínseca entre classe/gênero/raça no combate ao

A malha e Anália

capitalismo racista-patriarcal em países dependentes e subdesenvolvidos como o Brasil, o legado dessa pedagoga tem muito a contribuir para a construção de uma educação pública emancipatória e/ou de uma educação popular formal e não-formal no campo e na cidade.

Logicamente, não pretendemos, com isso, praticar nenhum anacronismo histórico, mas entendendo-a nos avanços e limites condicionados pela estrutura e a conjuntura sociopolítica do espaço-tempo concretos vivenciados pela pedagoga, na qual, assumiu uma postura contra-hegemônica feminista e antirracista/abolicionista até a sua morte provocada pela pandemia, há um pouco mais de um século, denominada de gripe espanhola. Neste contexto, sua práxis de vanguarda tem muitos elementos da epistemologia que hoje denominamos de Educação Popular, que está fundamentada, sobretudo, na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, que é a matriz pedagógica cujo sentido principal é construir um

A malha e Anália

processo de humanização em diálogo com o oprimido.

Este paradigma pedagógico tem um caráter emancipatório, em que os oprimidos são, não apenas receptáculos desse processo, mas também, tributários dessa autotransformação consciente, se posicionando politicamente contra as injustiças, a opressão e a dominação num sistema socioeconômico regulado pelo poder do capital, produtor de uma sociedade capitalista desigual e conflituosa entre opressores e oprimidos. A intencionalidade dessa práxis é a de que o oprimido supere sua condição de subalternidade. Foi isso que Anália Franco ousou tentar construir em seu tempo. Um período marcado pelo modelo de sociedade escravagista, em que mesmo após a sua superação jurídica, ideologicamente, ainda continua a reproduzir a opressão às pessoas negras.

Na conjuntura política atual, em que os discursos reacionários e neofascistas estão cada vez mais se ampliando em escala nacional, tentando enfraquecer todas as conquistas de direitos

A malha e Anália

das classes subalternizadas, defender a Educação Popular e seus protagonistas é um dever de todos nós que exercemos uma práxis pedagógica contra-hegemônica.

Dessa forma, um livro como “A MALHA e ANÁLIA” que se dispõe a rememorar o legado de uma mulher, pedagoga do século XIX, feminista e antirracista/abolicionista que possibilitou, pela via educacional, a inclusão da população oprimida em seu tempo-espço, se faz de grande valor educativo, mas também, simbólico, para a luta contra as subalternidades e opressões da sociedade capitalista contemporânea.

Rodrigo Simão Camacho

Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD.

A malha e Anália

Apoio



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia



INSTITUTO FEDERAL
Goiano
Campus Urutaí



GRUPO SALAMANCA DE
INVESTIGACIÓN EN
ANTROPOLOGÍA INDIGENISTA Y
EDUCACIÓN INTERCULTURAL

Sobre o Autor

Daniel Valério Martins - Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán, Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidad de Salamanca, Doutor em Educação pela Universidad de Burgos, Doutor em Antropologia pela Universidad de Salamanca. Professor no Programa de Pós-graduação em Educação -PPGE do Centro Universitário UNIMAIS de Inhumas, professor permanente no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica – PPGNEB do Instituto Federal Goiano – IF Goiano e professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e Pesquisador CNPq.

E-mail para contato: jjfadelino@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>



Quantas Análias passaram
por esse mesmo chão?

